Anno 16.º — Sabado, 21 de Julho de 1923 — N.º 786

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões—AVEIRO.
Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

ISTO É DE MAIS

Os leitores já repararam no que vai pelo Parlamento? Já viram, por ventura, uma falta de respeito maior pelos interesses do país, que continua a debater-se, sem ter quem lhe acuda, no meio duma crise pavorosa, enquanto os seus representantes se ocupam da politica, alheando-se de tudo quanto tenha ligação com as necessidades de cada dia?

Francamente: isto é de mais!

O que se depara a nossos olhos atravez dos diarios de larga informação não só faz córar de vergonha todo o republicano de sentimentos, como impéle a escrever duras frases de indignação, causticantes, agressivas mesmo, a ver se essa gente cáe em si e se de algum modo se compenetra das responsabilidades que sobre ela impedem.

Tratar de politica na hora gráve que a Nação atravessa; perder tempo com futilidades, questiunculas, ninharias, devem corcordar que é um crime.

O paiz precisa de quem resolva os varios problemas dos quaes benefie a sua economia. O paiz anseia por que a carestia da vida se modifique e o dia de ámanhã não seja um ponto de interrogação permanente, cheio de incertezas, perigoso para todos nós.

O país quer ordem e quer administração. Está saturado de politica. E o seu aborrecimento chegou a tão elevado grau, e a sua descrença é tão profunda e comunicativa que dum extremo ao outro não se ouve senão repetir—isto não pode continuar; isto é de mais!

não acontece. Porque nós conhemos algumas que trazem mas é o Diabo no corpo...

DOIS poetas, que faziam parte duma comissão de homenagem a Junqueiro, alvitraram, entre outras coisas ridiculas, o seguinte para ser executado no dia do enterro: que cada municipio escolhesse na população escolar da sua área uma creança das mais quequeninas, mais pobres e mais lindas afim de serem transportadas logo após a urna funeraria, ao colo dos estudantes das escolas superiores, levando na mão uma minuscula bandeira branca, simbolo das escolas primarias do seu concelho.

Claro que esta ideia caíu logo por terra visto os rapazes se não prestarem a ir, como qualquer ama sêca, com os filhos dos outros, atraz do funebre cortejo.

Ele sempre ha cada raio de lembrança!...

Uma vocação artistica

Fez exame do 3.º ano do Conservatorio, obtendo a alta classificação de 18 valores, a distinta pianista Joaninha Melo, gentil filha do bom amigo, Crisanto de Melo, ausente em Paris, e da sua esposa a sr.ª D. Olga Tavares de Melo.

Com os nossos parabens pelos triunfos alcançados durante a sua carreira escolar, os sinceros desejos de que o futuro se lhe entreabra tapetado de rosas, perene de venturas.

FILMS...

O AUTOR dumas cartas vindas a publico no orgão democratico sobre assuntos camararios entreteve-se a semana passada a meter o nariz em coisas que lhe deviam merecer mais respeito, como seja, por exemplo, a infelicidade que sofremos na vista e que julgâmos nada ter com os motivos que determinaram o critico a escrevinhar as patacoadas com que enche o papel. Ora nós podiamos responder-lhe no mesmo tom, que era o que ele precisava para ter mais juizo. Mas não. Cada um dá o que tem e por isso, para bom entendedor, este simples pedido basta: o cavalheiro faz o obsequio — não volta a meter o nariz no nosso olho?...

HA quem diga que o lar é a mulher. E de ai esta frase de Ruskin, sociologo artista e poeta: *Quando a verdadeira mulher chega, traz sempre consigo o lar.*

Perdão. Sempre, é que isso

PELA MORALIDADE!

A sindicancia ao Museu de Aveiro

O que Silverio Pereira Junior apurou sobre as falcatruas imputadas ao ex-director Marques Gomes

Relatorio

III

Entre dois fogos

V. Ex.ª, certamente, já distinguiu duas correntes que a breve trecho se transformaram em duas facções:—uma que, *a ocultas*, defendia o director arguido, com ousadia; outra que, em publico *o acusava*, com paixão e violencia.

Do mesmo modo V. Ex.ª notou tambem como eu, com profunda magua, fui forçado a reconhecer, que a injustificada protecção a Marques Gomes tinha produzido, naturalmente, seus maléficos resultados: — em Aveiro, ninguem tomava a sério esta sindicancia, por a julgarem uma mistificação, um ardil. *Afirmavam-no*, sem rebuço, *qualquer das duas facções*!

A situação moral em que a imbecilidade dos defensores de Marques Gomes me colocára, era das mais delicadas, como delicada era tambem a do Ex.mo Ministro.

* *

Foi, portanto, sob esta atmosfera de suspeição e de indiferença, tão desanimadora uma como outra, que iniciei os meus trabalhos, ouvindo como era meu dever, o principal acusador:—o sr. Homem Cristo, director do jornal *O de Aveiro*, que ha mais de um ano vinha sustentando uma violenta e documentada campanha contra Marques Gomes.

O depoimento do sr. Homem Cristo (fls. 32 a 37 v). é importante e é grave. Acusando, prova ou fornece elementos. E' importante, pelo que de comprometedor encerra para Marques Gomes. E' grave pelo que contem contra terceiras pessoas.

A sua importancia e gravidade acentuaram-se, depois de ouvir as testemunhas indicadas e as referidas; as simples suspeitas começam de tomar vulto, confirmadas por factos narrados em seus depoimentos.

Compreendendo essa gravidade, e tendo-me apercebido que a facção acusadora, com o sr. Homem Cristo á frente, defendendo o Muzeu, nenhum outro objectivo tinha em vista, *alem da demissão de Marques Gomes*, resolvi usar de um pouco de benevolencia a favor dum homem que, de facto, alguns serviços tem prestado, e... duma facção que, empenhada numa pessima defesa, e inconsciente (?) da sua acção desmoralizadora, eu previa não compreender o enorme mal que imprudentemente causava ao arguido Marques Gomes, perdendo-o e perdendo-se. Era inevitavel.

Os factos vieram provar ter sido absolutamente certa essa previsão.

Antes, porém, de agir com alguma benevolencia a favor de Marques Gomes, era de bom aviso reunir, no processo, todos os elementos de prova contra ele, não fosse a facção que o defendia *acusar-me de proceder impensadamente e... de parcialidade a favor da facção que o acusava.*

Tinha perfeito conhecimento da atitude do arguido e dos seus amigos e defensores, para com o falecido sindicante Alberto Viana Coelho (req. de fls. 18 e 65 do proc. A) e, desejava não só evitar novas reclamações, como tambem satisfazer as que o arguido lhe formulára, entre as quais avultava a da exigencia de conferir os objectos existentes no Muzeu *para verificar se, com efeito, faltam alguns ou existem a mais* (req. de fls. 65).

Foi obedecendo a este criterio, que enviei ao sr. Director Geral de Belas Artes, o seguinte:

Oficio

em 18 de junho (fls. 19 v. proc. B):

«E' já do conhecimento de V. Ex.ª que tenho em meu poder o arrolamento judicial feito pelo M.mo Juiz da comarca, em Outubro de 1910, aos bens dos extintos conventos de «Jesus» e do das «Carmelitas», como, tambem, os verbetes provisorios para a publicação do "Catalogo» do Muzeu Regional de Aveiro, verbetes que são da autoria do director arguido João Augusto Marques Gomes.

O arrolamento judicial, de nada serve, para o fim que tenho em vista: *verificar quais os objectos que faltam e identificar os existentes.* De nada serve, visto que, *por falta de inventario*, se não sabe nem a quantidade, nem a qualidade dos objectos que dos conventos citados e dos das «Salesias», das «Trinas» e das «Oblatas», e ainda da egreja de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, transitaram para o Muzeu.

O que se sabe, é que em janeiro de 1912, existia no Muzeu *uma infinita variedade de objectos de altissimo valor rial, de altissimo valor artistico, de notavel valor arqueologico.*

O proprio director Marques Gomes, tambem em abril de 1912, num oficio que dirigiu á Camara Municipal desta cidade, que tenho presente, afirmava: *existe uma numerosa colecção de objectos de valor historico e artistico,*

A EXPOSIÇAO DISTRITAL DE CERAMICA E VIDROS

Abriu no sabado esta exposição, que finda ámanhã, no edificio onde funciona a Associação Comercial e Industrial de Aveiro, abrangendo o grande salão e uma sala anexa, em que está instalada a secção retrospectiva de produtas fabricados em Aveiro e Vista-Alegre.

E' grandioso o efeito das salas, ambas mobiladas com bufetes e *contadores* de pau santo do seculo XVIII sobre as quaes se espalham os objetos dispostos com arte, dando-lhe, á noite, a luz electrica, um realce verdadeiramente belo.

Foram escolhidos estes moveis por a época que representam ser aquela em que se fabricou a grande maioria dos objetos que constituem a secção mais pequena e que são verdadeiras e autenticas raridades, muito justamente apreciadas por quantos as contemplam.

Ao fundo do salão e sobre um dos contadores vê-se o busto de José Ferreira Pinto Basto, fundador da Fabrica da Vista-Alegre, cujos produtos ocupam o primeiro logar, tal o seu valor.

Importantissima a coleção deste estabelecimento fabril cujo mostruario corresponde ao que está produzindo e que tem uma procura extraordinaria. Chama especialmente a atenção um bengaleiro e diversos pratos primorosamente decorados pelo director da secção de pintura o sr. Duarte Magalhães, professor na Escola Industrial desta cidade, e um dos mais antigos e classificados operarios da Vista-Alegre.

As fabricas de faiança desta cidade apresentam-se tambem brilhantemente, disputando primazias ao que melhor se fabríca no resto do paiz. São elas a antiga da *Fonte Nova*, a *Aleluia* e *Empreza de Louça e Azulejos.*

Os numerosissimos objectos que expõem são duma variedade e perfeição incalculaveis, tendo sido geral e merecidamente apreciados pelo numeroso publico que tem concorrido a visitar o explendido certamen.

Não menor interesse tem despertado os formosissimos produtos das fabricas de vidro do concelho de Oliveira de Azemeis ou sejam a fabrica do *Côvo* (1488) *Bohemia* (1900) e *Progresso* (1916), todas da *Companhia Vidreira de Portugal* que ali tem a sua séde e a da *Senhora de La Salete* (1922), que não pertence á referida companhia. Não se fabrica melhor nas restantes fabricas do paiz nem talvez em muitas outras do estrangeiro; por isso tem sido grande a admiração e surpreza dos entendidos.

Na secção retrospectiva ocupam o primeiro logar grupos e imagens de santos do nosso agiologio, duma proporsão extraordinaria, executados na segunda metade do seculo XVIII e primeiro quartel do XIX por barristas aveirenses. São todas de barro vermelho e na sua maioria pintadas. Destas estão-se tirando fotografias que hão de ilustrar o catalogo da exposição que os promotores dela vão publicar. Depois temos os primeiros e curiosissimos produtos da Fabrica da Vista-Alegre (1824 a 1838) isto é, anteriores á descoberta do *kaulin*, descoberta feita neste ano pelo operario Luiz Capote, cujo busto primorosamente executado em *biscuit*, ali se encontra. Desta época ha tambem uma preciosissima coleção de vidros lapidados, floristados e moldados que são uma das glorias da fabripa e hoje rarissimos.

De época posterior ha uma coleção de chavenas e pratos pintados, dourados, marca a ouro que dificilmente se poderão encontrar noutra parte. Tanto esta como aquela são pertença de particulares, que gentilmente os cederam para a exposição.

Da primeira época da fabrica da *Fonte Nova* ha egualmente ali uma coleção valiosa de azulejos e peças ornamentaes que tem sido muito admiradas, fazendo lembrar a superintendencia do seu antigo proprietario. Ali fizeram a sua aprendisagem a maioria dos artistas que trabalham em Aveiro.

As fabricas de ceramica *Aveirense*, propriedade do sr. João Pereira Campos (1914) e de Oliveira do Bairro (1903) expõem tambem o melhor que na sua especialidade podem produzir, vendo-se egualmente variados exemplares de fabrico manual de louça vidrada e de barro negro, manufacturados em Aradas, Angeja e Quinta do Gato.

As salas são, pois, duma empolgante prespectiva, representando todo aquele colossal trabalho a inexcedivel boa vontade da atual direcção da Associação Comercial, sob a presidencia do major-medico, nosso conterraneo e amigo, dr. José Maria Soares, coadjuvado pelos vogaes, srs. Antonio Cunha e Manuel Ferreira.

Todas as noites tem havido concertos, sendo o de terça-feira executado magistralmente pela orquestra da Vista-Alegre, regida por Berardo Camelo.

Como acima dizemos o explendido certamen encerrar-se-ha ámanhã e de justiça é salientar que foi um acontecimento que marcou no nosso meio artistico e industrial.

Louvores aos que o promoveram.

Até em documentos oficiais, emanados da antiga Direção Geral de Instrução Secundaria, Superior e Especial, (portaria de 11 de junho de 1912 D.º do G.º n.º 135) *se produz afirmação egual á antecedente.*

Em portaria de 26 de janeiro de 1914, tambem se faz referencia *ao grande numero e consideravel valor dos objectos de arte que se encontram reunidos no Muzeu Regional*, e o jornal *A Liberdade*, publica uma noticia, em 29 de janeiro do mesmo ano, onde se lê: *Aveiro tem dentro dos seus muros uma notabilissima colecção de obras de arte*...

O Muzeu de Aveiro, não é um Muzeu insignificante: *é um Muzeu importantissimo.*

Pois bem.

Apezar de tão unanimes opiniões, quanto ao altissimo valor rial, artistico e arqueologico dos inumeros objectos recolhidos no Muzeu—*não existe inventario!!!*

Não se sabe nem a quantidade nem a qualidade dos valiosissimos objectos que constituem o Muzeu.

O que se sabe é que o director arguido, Marques Gomes, é mimoseado, publicamente com frases como esta:—*infamissimo e provadissimo ladrão*—(*O de Aveiro*, de 11 de junho corrente).

O que se sabe é que *gosa dessa fama*, como se conclue no processo organizado pelo sindicante que me precedeu.

O que se sabe é que, apezar de suspenso, Marques Gomes continua a frequentar o edificio onde está instalado o Muzeu!

O que se sabe, é que urge, para honra de todos e prestigio da Republica, fazer desaparecer a pesada atmosfera de suspeições e terminar com a vergonha de ter encerrado um Muzeu tão importante como o de Aveiro e tão digno de ser admirado.

Restam-nos os verbetes provisorios, feitos pelo director arguido Marques Gomes, que é, na opinião dos entendidos, pessoa competente e sabedora.

Os verbetes constituem dez maços que correspondem a outras tantas salas.

O inventario é absolutamente indispensavel.

Positivamente, que os verbetes devem corresponder, agora, aos objectos existentes; e, o director arguido, assim o afirma.

Por eles pode fazer-se o inventario que, repito, é urgente e indispensavel.

Para a sua organização deverá ser encarregada pessoa de inteira confiança e honesta, estranha a esta cidade, podendo ser escolhido um funcionario desse ministerio, visto que a sua acção se limita a copiar os verbetes.

* * *

Com esta proposta concordou o Ex.^mo Ministro, por seu despacho de 22 de junho (of.º a fls. 59).

* * *

Seguidamente, dirigi oficios aos srs. Presidentes da Camara Municipal; M.^mo Juiz de Direito; Conselho de Arte e Arqueologia; Governador Civil e ao proprio director arguido Marques Gomes, solicitando copia de varios documentos e pedindo informações, documentos que estão juntos ao processo, respectivamente, de fls. 124 a 129 v.; 153 e 154; 179, 121 a 123; e 130 a fls. 143 A.

Oficiei, tambem, ao sr. Director Geral da Fazenda Publica e á Comissão Jurisdicional das extintas Congregações Religiosas, que me enviaram os documentos de fls. 98 a 117 A e, por eles, fiquei habilitado a fazer uma rigorosa conferencia dos objectos requisitados para a constituição do Muzeu.

Antes, porêm, de serem recebidos os documentos a que acabo de referir-me, surge o primeiro incidente, engraçado por sinal, e que relatei no seguinte

Oficio

dirigido ao sr. Director Geral de Belas Artes, em 21 de junho de 1922 (fls. 30 do proc. B):

.........«Firmino Costa, *não é guarda do Muzeu, visto que tal cargo não existe.* Do respectivo quadro fazem parte, *sómente*, um director e um conservador!

Não sendo, como não é, funcionario do Estado, Firmino Costa *não está sujeito* ao Regulamento Disciplinar dos Funcionarios Civis.

Nestas circumstancias, *a parte final do parecer do Conselho Disciplinar* (já transcrito) *e a portaria de 24 de maio ultimo*, na parte em que me encarrega de proceder a uma sindicancia aos actos do «guarda Firmino Costa,» *não pode ser cumprida* pelas razões expostas».

* * *

A sindicancia proseguia, com tanta firmeza, como imparcialidade. Contra Firmino Costa, nenhuma acusação se produziu, alem duma, humanamente justificavel:—a de que, por gratidão, não divulgava factos praticados pelo director e que eram do seu conhecimento.

Ao contrario, contra Marques Gomes, as acusações sucediam-se, provocando, algumas delas, varios incidentes, que marcam, a fogo, a psicologia dos que, a todo o transe, sem atender á situação moral do sindicante, defendiam, desastradamente, o arguido Marques Gomes.

Vejâmos:

Afirmei já que houve três investigações burocraticas e uma judicial. Não é completo. Devem adicionar-se-lhes, pelo menos, mais duas investigações policiaes, originadas em queixas que, contra o arguido Marques Gomes, apresentou á policia o conservador do Muzeu, José de Pinho.

Em torno do procedimento moral de Marques Gomes, produziram-se verdadeiros escandalos *depois de terminada, em maio de 1921, a sindicancia* feita por Alberto Viana Coelho, *e de ter sido enviado*, em janeiro de 1922, *para o poder judicial.*

E' oportuno acentuar desde já que a facção que defendia Marques Gomes procurava criar no ministerio uma atmosfera *tão desfavoravel* ao conservador do Muzeu, José de Pinho, *como benefica* ao arguido Marques Gomes e—porque não dizel-o?—conseguiu seu objectivo!

Marques Gomes *era tido como vitima de calunias*, forjadas pelo conservador José de Pinho, que.. assim procedia para ocupar o lugar de director—afirmava-se!

Reputava-se necessario e indispensavel, o desprestigio do conservador do Muzeu, para que pudésse triunfar... o director arguido, pois o conservador era uma das principais testemunhas de acusação.

Até que ponto o conservador do Muzeu era *caluniado*, veremos mais adiante.

Como caluniava, o director arguido, vamos aprecia-lo já.

(Prossegue-se no proximo n.º)

Notas mundanas

Com a classificação de distinto acaba de transitar para o 4.º ano do curso liceal o academico Luiz Simões, filho do nosso velho amigo Acacio Simões, da Ferradosa do Douro.

— Tambem completou o 2.º ano o academico José Cunha, filho do tenente chefe da banda do 24, sr. Lourenço Cunha, que, devido aos seus merecimentos musicaes, acaba de ser convidado a ir organisar uma banda militar em Angola.

Afectuosos parabens.

— Está na sua casa de Azurva o nosso assinante sr. Pedro Marques da Silva, estabelecido em Lisboa.

— Tambem chegou a Eixo, vindo de Inhambane, Africa Oriental, o sr. Viriato Moreira, a quem cumprimentamos.

— Fizeram na quinta-feira anos a sr.ª D. Gabriela Julia Machado e Melo Rebelo e o sr. dr. João Simões Sucena.

— Passou o aniversario natalicio da Mariliasinha, filha mais nova do sr. Pompeu da Costa Pereira.

= Não são, infelizmente, animadoras as noticias sobre o estado de saude de Humberto Beça, por cujas melhoras continuamos a fazer ardentes votos.

— Esteve ontem em Aveiro o sr. José Marques Figueira, importante proprietario de Salreu e pae do nosso velho amigo, dr. Artur Marques Figueira.

A excursão de Viana

Apezar de ainda não ter chegado comunicação oficial dá-se como certa a transferencia para o dia 12 de agosto da visita dos vianenses a esta cidade, continuando os *Galitos* a empenhar-se por que desse encontro dos dois povos amigos resulte um estreitamento ainda maior, se é possivel, de relações e afecto.

Quanto ao programa das festas a realisar ainda nada se acha resolvido visto estar dependente da reunião que se hade efectuar de todos os clubs e associações, a sua elaboração como o *Club dos Galitos* deseja e justo é que se faça.

No entretanto, aveirenses, que cada um de vós vá pensando na forma de manifestardes a vossa simpatia pelos representantes dessa encantadora terra do Minho que se chama Viana do Castelo!

Desabamento

Com enorme fragor, abateu ontem, depois das 13 horas, a parte principal da fabrica de louça e azulejos que anda em construção nas Olarias, não tendo, felizmente, apanhado nenhum dos operarios que nela trabalham por, a tempo, se terem posto a salvo.

No local juntou-se muita gente, calculando-se os prejuizos em alguns milhares de escudos.

NECROLOGIA

Faleceu na tarde de terça-feira, após uma pertinaz doença, o sr. Francisco Migueis Picado, que durante muitos anos teve um estabelecimento de mercearia e vidraria nos baixos do antigo hospital, junto á igreja da Misericordia.

Posto que bastantes tivessem sido os agravos dele recebidos nos jornais onde colaborou, agravos que só o sectarismo politico podia determinar visto nenhuma outra razão haver que os justificasse, manda a verdade dizer que foi um excelente chefe de familia, a quem faz imensa falta, e um funcionario da camara zeloso cumpridor dos seus deveres desde que lhe fôra confiado o cargo de aferidor dos pesos e medidas.

Aos que intimamente o pranteiam o nosso cartão de condolencias.

= Tambem aos estragos de uma infeção facial, sucumbiu na madrugada de ante-ontem, a sr.ª Maria Carolina da Cruz Florim, esposa do sr. Manuel Florim, mãe do comerciante da Rua Direita, sr. Antonio Pinho da Cruz e irmã dos srs. João, Antonio, Ricardo e Amandio da Cruz Bento, a quem egualmente apresentamos pêsames.

O Democrata vende-se no *Quiosque Raposo*, praça Marquez de Pombal—Aveiro.

Por Oliveira de Azemeis

O sr. dr. Pinho Rocha é o prototipo do pantomineiro ganancioso

Este senhor doutor medico é um homem que vive só de exterioridades. Qualquer frase, gesto, confissão ou juramento de honra, que em todo o homem sério traduzem uma ideia, revelam um sentimento e abonam um compromisso solene, nele apenas representam um rendilhado, um ardil, para mais facilmente engrolar uma ingenuidade, para melhor escamotear um interesse.

Quem quizer soletrar-lhe a alma guiado pelo proverbio *o bem e o mal á face vem* engana-se redondamente, porque nesse sacrario, em vez de particulas de ouro, ha uma mancha negra, muito negra, babando odio e pús. O sr. dr. Pinho Rocha tanto ri como chora; tanto lisongeia como insulta; tanto acaricia como morde; tanto afirma como nega; tanto aplaude como reprova e censura; tanto oscula como esfaqueia; tanto é correligionario como adversario; tanto amigo como inimigo. Percorre toda a gama da imposturice com a mesma semcerimonia e facilidade como um garoto apanha do chão uma perisca e a fuma. A questão é ter algum sabor, algum proveito, é satisfazer-lhe a ambição, é matar-lhe o vicio. Renega a sentimentalidade para abraçar a pantomima. Tem a sua razão, porque aquela sustenta-se á custa de mil sacrificios e faz-nos passar por malucos, enquanto esta entretem-se com cantigas e guinda-os ás culminancias do poder e do bomsenso. A ganancia é a sua alma; o interesse o seu ideal. Ser muito rico, muitas vezes milionario, e ter a seus pés a humanidade contorcendo-se de dôr, gemendo com fome, tiritando de frio, era o seu maior prazer, è a sua suprema aspiração.

Os actos da sua vida são um longo rozario de miserias. E' a unica concordancia da sua vitalidade. Desfia-lo seria fastidioso e repugnante e causaria provavelmente a desordem. Não lhe tocar, deixa-lo escondido debaixo do manto da hipocrisia era ser conivente com a mizeria, era ser pantomimeiro tambem. Para não incomodar e ao mesmo tempo ser verdadeiro, sucintamente vou descrever algumas passagens da sua triste vida, as necessarias para que toda a gente, que o não conhece, dele se acautelar e para que ninguem com direito suponha que o meu caracter alguma paridade tem com esse *Doutor Bismuto.*

Começarei pelos factos mais comezinhos para subir até ás alturas da responsabilidade vital. Em todos os degraus e patamares tem nodoas e nodoas grandes. Não dá um passo que não mostre que é um pantomimeiro, que não patenteie que na medula lhe fervilha a ganancia e que não aponte, de olhos esgazeados e de mãos crispadas, o almejado fim, o ardente desejo de ser rico, grande e senhor de largos feudos.

* * *

Depois que lhe puz a calva á mostra, na celebre questão dos assaltos á Cooperativa pela sucia Castro-Leão, de que o *Dr. Bismuto* foi, como homem cooperador, e como administrador do concelho, protector, passa por mim nas ruas da vila e, se está gente, olha-me de baixo a cima, fita-me para mostrar aos outros que me quer bater; mas até hoje nem me bateu nem sequer teve a coragem de se me dirigir, de traduzir em factos a sua vontade e o desejo dos seus amigos e socios.

E' uma pantomima para agradar a industriaes, comerciantes, banqueiros, capitalistas, monarquicos e beatas no intuito de ser presenteado com alguma nota do Banco ou com algum reclame que lhe angarie meia duzia de freguezes. Pois ha tantos mezes que anda nisto e milhares de vezes que tem passado por mim em logares em que havia apenas as arvores para testemunhar o encontro e ainda vez nenhuma se lembrou de me abordar, passando alêm como se fora embebido na constituição dum governo de todos os seus correligionarios... que foram, que são e hão de ser! E' um desconcerto de conducta que revela bem a sua ingenita asquerosidade.

Fita-me silenciosamente quando me encontra nas ruas da vila e tem gente para servir de testemunha, para ao tribunal ir dizer o que combinarem, o que lhe aprouver e convier. E, apezar disto tudo, espalham por toda a parte, até onde chegar o seu *enganho e arte*, que não respondem aos meus artigos, aos meus ataques, porque não me ligam importancia! A auto-contradição, em que estrebucham, arranca-lhes a mascara, mostrando a sua hediondez e pequenez.

Não veem para a polemica, rebatendo as minhas afirmações, porque sabem que a minha força é invencivel por representar a verdade dos factos. Fogem á contenda para não mostrar a derrota aos olhares daqueles que ainda acreditam nas suas intrugices.

Na vila é um valente, mas fóra, sobre as estradas que serpenteiam os montes, no vaevem da clinica, encontra-me a sós e não me bate!

Querem pantomima mais clara?

Pelos antecedentes bem sei o que querem de mim; levar-me ao tribunal, mentirem descaradamente sob juramento de honra e aí, na dôce esperança de aparecer um Antonio Joaquim acolitado por um S. Cristovão, virarem-me... o fôrro ás algibeiras.

Que o digam os diversos processos que me levantaram e que quasi todos dormem nos cartorios desta comarca o sôno eterno; apenas um segue ainda os seus tromitas. Dos factos passados sou obrigado a tirar esta ilação. Se, porém, estou em erro, facil é prova-lo e mais facil ainda è desfaze-lo. Quando o sr. dr. Pinho Rocha passar por mim aonde ninguem esteja, aonde não houver testemunhas, avance, rache-me de meio a meio, esquartege-me, pulverise-me. Assim, sim. E eu prometo-lhe que não só lhe perdôo, como lhe mandarei por intermedio do *menino Jesus*, se o S. Cristovão o dispensar, os meus sinceros parabens.

Ora, no meio da vila, com os socios da ex-mercantil e com os mordomos da confraria de Cidacos, póde olhar-me, fitar-me que nem me faz tremer nem arrepiar caminho. Sigo ávante, tranquilo como sempre. Os meus ouvidos não ouvem; só os meus olhos vêem. A tranquilidade do meu espirito nasce do velho habito de arcar com a responsabilidade das minhas palavras e dos meus actos O que digo hoje, não o négo ámanhã; é minha divisa. Mêdo não tenho, porque, s fosse medroso, só vergastava os pequenos elogiava os grandes. Ganancioso tambem nã sou, porque, se o fosse, aos ricos incensava-os com pantomimas depois de lhe ter lambido a cáuda, e aos pobres arremeçava-lhes com todas as verdades amargas á mistura com torpes mentiras. Mas eu trato egualmente a todos, batendo quando tenho razões para isso, encomiando quando o merecem. Serem grandes ou pequenos, ricos ou pobres, é-me completamente indiferente. Olho para as acções para lhes fazer justiça e por elas avalio das qualidades e virtudes dos seus progenitores, premiando-os ou punindo-os. Em mim não se acoita a pantomima. A ganancia é o enlevo do sr. dr. Pinho Rocha.

Antagonico, bem antagonico, é o nosso procedimento.

Como a jornada é comprida, deixo este ex-seminarista para o numero seguinte, para provar que a sobrepeliz, que tantas vezes o sr. dr. Pinho Rocha vestiu, nem sempre abafa a inclinação natural, nem as matinas transformam as almas preversas em puras e santas.

O qua o berço dá, quasi sempre, só, *a tumba o tira.*

Lopes de Oliveira.
Medico

SPORT

Natação

Realisaram-se no domingo, como fôra anunciado, as provas de natação, as quaes chamaram ás margens da ria uma multidão digna de registo. A tarde estava amena e a presença dalguns *sportmens* de diversos pontos do paiz acordou a valer a curiosidade ingena. Pena foi que o *water-polo*, que muito desorganisadamente começou, logo terminasse, por incidentes havidos entre os jogadores, e ao que não foi estranha a atiiude do sr. Bessone Bastos para com um nadador do *team* portuense. Essa atitude refletiu-se desagradavelmente, pois foi o pronuncio de outros incidentes que se deram entre o representante da Liga e a Dírecção local, resultando *manquée* o resto da corrida e especialmente a distribuição dos premios.

O que tem de ficar devida e merecidamente assente é que todo o trabalho e canceiras havidas para a realisação das provas se deve integralmente á Direcção local que foi unica e exclusivamente a executante dessa desinteressada tarefa.

Entre os numeros que mais entusiasmo despertaram na assistencia destacam-se os saltos executados pelos srs. William Caupers, campeão deste ramo e Hermann Tschopp, que fizeram exibições admiraveis, aplaudidas pelo publico.

O resultado das corridas foi o seguinte:

100 metros, costas—1.o Leon Pfeiffschneider, do Porto; 2.o Mario Marques, de Lisboa; José Serra, do Porto e Joaquim Gonçalves, de Aveiro.

1500 metros, livres—1.º Faustino José, de Setubal; 2.º Anibal Felicio, de Lisboa; 3.º Antonio Branco, do Porto; 4.o Antonio Soares, de Lisboa; 5.º José Pedro Brenha, do Porto; 6.o Tobias de Lemos, de Aveiro; 7.o Vieira Alves, de Lisboa, tendo desistido a meio da prova, Fernando Felicio, de Lisboa e Joaquim Vinagre, de Aveiro.

100 metros livres (senhoras)—1.ª D. Rosa do Carmo, Porto; 2.ª D. Eldfried Mosy Lisboa.

200 metros, bruços—1.o Mario Marques, Lisboa; 2.º Aristides Taborda, Porto; 3.o Deocliciano Monteiro, Porto.

200 metros bruços (senhoras) — 1.ª D, Aidé Pinto Borges; 2.ª D. Olinda Pinto Borges, ambas do Porto e 3.º D. Eldfried Mosy-Lisboa.

Com as condições que oferece a nossa ria tudo leva a crêr que este genero de *sport* venha a ter um grande desenvolvimento em Aveiro, dependendo talvez dum mais estreito entendimento dos clubs essa aspiração por muitos alimentada.

Escola Primaria Superior

Os exames de admissão a esta Escola começam no dia 25 do corrente, pelas 10 horas. O curso das Escolas Primarias Superiores, como é já do dominio publico, tira-se em 3 anos e dá direito, além de uma educação doméstica muito util para meninas, a concorrer a todos os cargos publicos, para que é exigido o 5.º ano dos Liceus; a requerer nestes estabelecimentos de ensino exame de curso geral, a matricular-se nas Escolas Normaes Primárias (magistério primário oficial) e a pedir o diploma de professor de ensino livre.